

# Crise energética traz oportunidade

De São Paulo

A atual crise energética brasileira pode representar para um país um “despertar” e fazer com que, em alguns anos, o Brasil se transforme num modelo para o mundo nesse setor. Mas, segundo o ex-presidente dos EUA Bill Clinton, para isso, é preciso fazer “as coisas certas”.

A que ele recomenda com mais ênfase é a construção de redes de transmissão nacionais, de modo que problemas específicos em determinadas regiões do país possam ser rapidamente sanados com a importação de energia de outros Estados.

Ele diz que os EUA, apesar da forte tradição de governos estaduais com grande autonomia de ação, há muito tempo adotam a política de redes nacionais.

Só devido a essa característica, afirmou ele na conferência que fez para os convidados do **Valor**, as dificuldades com que a Califórnia se tem deparado não tiveram conseqüências mais graves para os Estados Unidos.

No caso brasileiro, ele defende até mais: a construção de redes subcontinentais. Clinton acha que o presidente Fernando Henrique Cardoso está no caminho certo quando negocia com a Bolívia a importação de gás natural.

Na sua opinião, o Brasil deve liderar o processo de integração energética da América do Sul, que tem características de complementaridade internacional que podem se transformar num

exemplo do que ele chama de “interdependência positiva”.

Clinton fez elogios ao programa brasileiro de utilização de álcool como combustível para veículos automotores e lembrou que, durante sua administração, incentivou a reprodução da experiência brasileira nessa área nos Estados Unidos.

Também ressaltou que o Brasil tem grande potencialidade para a exploração de fontes renováveis e limpas de energia, como a do sol e a dos ventos, e recomendou que o país invista mais em estudos técnicos e de viabilidade econômica de sua exploração.

Para Clinton, a atual crise de energia, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, é uma questão de geração de energia. Mas o assunto deve ser tratado com uma abordagem a mais ampla possível, levando-se em consideração todas as necessidades ambientais. Citou o problema da crescente escassez mundial de água e a proteção do planeta contra o efeito-estufa.

Não fez, no entanto, nenhuma referência direta ao fato de que seu sucessor retirou o apoio dos EUA, dado quando ele era presidente, ao Protocolo de Kyoto, tratado que prevê a redução das emissões de dióxido de carbono na atmosfera por parte dos países mais desenvolvidos do mundo.

Clinton também teve uma mostra da racionalização de energia no Brasil ao chegar à noite ao Palácio do Alvorada semi-iluminado.